

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO

ÁGUEDA VIEIRA MARTINELLI

**A CRÍTICA LEVINASIANA À ONTOLOGIA E AO SUJEITO:
ASPECTOS DA RUPTURA DO EU E A RESPONSABILIDADE COMO
CONSTITUINTE DA SUBJETIVIDADE**

Porto Alegre
2016

ÁGUEDA VIEIRA MARTINELLI

**A CRÍTICA LEVINASIANA À ONTOLOGIA E AO SUJEITO:
ASPECTOS DA RUPTURA DO EU E A RESPONSABILIDADE COMO
CONSTITUINTE DA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz

Porto Alegre
2016

ÁGUEDA VIEIRA MARTINELLI

**A CRÍTICA LEVINASIANA À ONTOLOGIA E AO SUJEITO:
ASPECTOS DA RUPTURA DO EU E A RESPONSABILIDADE COMO
CONSTITUINTE DA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINDORA:

Prof. Dr. Norman Roland Madarasz - PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS

Prof. Dr. Fábio Caprio Leite de Castro - PUCRS

Prof^a. Dra. Magali Mendes de Menezes - UFRGS

Porto Alegre
2016

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar na obra de Emmanuel Levinas a crítica a ontologia e ao sujeito. Veremos, desde seus primeiros trabalhos, o surgimento de um existente na existência que tenta escapar de si, evadir-se. Este existente, este sujeito que é o eu, vive em um mundo no qual consegue se manter através do trabalho e do consumo. Porém, o eu encontra um ser que resiste, o Outro. Mostraremos como no eu surge o Desejo que abre nele a possibilidade de acolher esta alteridade, de modo que a relação ética entre o Eu e o Outro seja possível. Veremos a importância da relação erótica para o autor, pois é a abertura, através do filho, para as relações em sociedade e para a própria sociedade, além de ser a transcendência do eu em seu filho. Analisaremos algumas questões acerca do feminino, para melhor compreender sua relevância no pensamento de Levinas. Trataremos, por último, da responsabilidade que constitui a subjetividade do eu na relação com o Outro, de maneira que o eu se torna *um-para-o-outro*, até a substituição. Como a relação de responsabilidade somente é possível no face a face, entre dois termos, a justiça surge para que o terceiro não seja excluído da ética, de maneira que a responsabilidade perpassa as relações em sociedade.

Palavras-chave: Eu. Outro. Ética. Fecundidade. Feminino. Substituição. Subjetividade. Responsabilidade. Terceiro.

ABSTRACT

This work aims to expose the critique of ontology and subject in the work of Emmanuel Levinas. We shall see, from his first works onwards, the origin of existence that tries to escape himself, to evade himself. This being, this subject that is the “I”, lives in a world in which he is able to maintain himself through work and consumption. But the “I” encounters a resisting being, the “Other”. We will show how in the I a Desire comes to existence that opens in him the possibility of receiving this Otherness, in a way that the ethical relationship between the I and the Other becomes possible. We will see the importance of the erotic relationship for the author, for it is opening, through the child, to the relationships in society and society itself, besides constituting the transcendence of the I in his son. We shall analyze some questions about the feminine. To better understand its nature in the thought of Levinas. We will approach, at last, of responsibility which constitutes the subjectivity of the I in the relationship with the other, so that the I becomes “one-for-another”, and even substitution. Since the relationship of responsibility is only possible in the “face-to-face”, between two terms, justice emerges so that the third is not excluded from ethics, so that responsibility pervades the relationships in society.

Key words: I. Other. Ethics. Fecundity. Feminine. Substitution. Subjectivity. Responsibility. Third.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A CRÍTICA À ONTOLOGIA E AO SUJEITO NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS	14
1.1 O sujeito como existente.....	15
1.2 A ruptura do eu em face do outro	26
2 O AMOR ERÓTICO E A FECUNDIDADE: A ABERTURA AO TERCEIRO	36
2.1 A cor do amor ou a nudez das palavras: uma pequena introdução.....	37
2.2 Sobre a significância da nudez do rosto e a não-significância da nudez erótica: a relação erótica entre o eu e a amada.....	38
2.3 O futuro no filho através da fecundidade: o terceiro	49
2.4 Fecundidade, tempo e morte.....	54
2.5 Questões acerca do feminino: a relevância do feminino na obra levinasiana	58
3 SENSIBILIDADE E SUBSTITUIÇÃO: O FUNDAMENTO DA JUSTIÇA	71
3.1 A interioridade como corpo maternal: a sensibilidade ferida.....	73
3.2 A substituição: o sujeito como subjetividade e a proximidade do terceiro	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

INTRODUÇÃO

Podemos considerar que a obra levinasiana se divide em três períodos: o *período ontológico*, o *período metafísico* e o *período ético*. Contudo, não devemos entender essa possível divisão, mais necessária quanto a uma organização cronológica, como uma demarcação de períodos bem definida. A obra de Levinas é desenvolvida rigorosamente¹, de maneira que Levinas abandona algumas terminologias, adota outras, numa crítica de si mesmo talvez não evidente, mas latente. Questões erguidas nas primeiras obras marcadamente de pensamento autoral e mesmo em seus trabalhos considerados de história da filosofia indicam questionamentos retomados e desenvolvidos incessantemente em todo seu pensamento. Sobretudo a questão sobre o ser que se identifica como eu, numa crítica permanente a esta ideia, atravessa sua obra, pois sua preocupação é incluir o outro na filosofia. O outro deve ser pensado enquanto outro e não enquanto representação do eu – que diz dele o que é, o que deve ser e o que não deve ser, e o melhor a ser. Levinas considera que a ontologia teria cumprido formidavelmente essa ideia. O terceiro período acentua esta busca de Levinas, se entendermos que “Ele retoma, aprofunda e amplia o projeto inicial, jamais superado, da ‘evasão do ser’”². Nesse sentido, o presente trabalho pretende expor o projeto da evasão do ser em seus problemas principais e, por fim, abordar o sujeito como subjetividade responsável pelo outro, responsabilidade anterior a consciência e a identidade do eu.

Para tanto, buscaremos compreender como é possível o eu e o outro relacionarem-se, existindo entre eles uma assimetria original. Assimetria que penderia para o lado do outro, arrancando o posto central de um eu acostumado a ser o começo e o fim da ética. Emmanuel Levinas questiona a filosofia ocidental inquietado porque as filosofias que tratam da ética ignoram ou retiram da resolução o fator material do humano, ou seja, porque a ética é pensada a partir do sujeito constituído – sobre si mesmo, sem referência a nada que não venha de si próprio, isto é, na ilusão de ser auto constituído. Levinas se volta não tanto para regras morais e leis, como Jacques Derrida nota, mas procura escrever uma ética das éticas³. Se concordarmos

¹ Talvez este rigor transpareça certa dificuldade encontrada na leitura de seus textos, que se deve em parte ao diálogo com os filósofos que analisa e discute, porque ele tende a complexificar tais análises “diante das exigências de respeitar e responder aos pormenores e aos matizes do pensamento de seu interlocutor”, descendo “às profundezas de seu próprio pensamento filosófico [o que] exige paciência para poder mergulhar” Cf.: JUNIOR, N. R. *Sabedoria da paz. Ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*, p. 21. Outra dificuldade encontrada é que seu pensamento se manifesta como uma espiral, de maneira que não é um diálogo linear-dialético, o que exige atenção.

² JUNIOR, N. R. *Sabedoria da paz. Ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*, p. 20.

³ Derrida se expressa da seguinte maneira, no ensaio *Violência e metafísica. Ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*: “É verdade que a ética no sentido de Levinas é uma Ética sem lei, sem conceito, que somente

que a filosofia se preocupa, especialmente, em compreender o ser que se identifica com o eu ou, em outras palavras, em compreender o ser e o eu que se identifica, pode causar certo espanto a dimensão que a alteridade ou Outro ocupa no pensamento levinasiano. Há uma absoluta alteridade no outro. Redundante pareceria dizer, o outro é Outro, o que significa dizer: o Outro não é eu ou não sou eu. Este Outro implora sem vergonha de implorar, causa desconforto e vergonha no eu; simultaneamente ele faz frente, ele diz não, ele exige comprometimento. Se o outro não sou eu, ele é estrangeiro e é exterior. Aderem-se ao eu os objetos, a comida transforma-se no eu. Mas aquele que é o Outro não se transforma no eu.

A filosofia, como Levinas insiste muitas vezes em diversos textos e entrevistas, no decurso de sua história conduziu, de Platão a Hegel, toda a diferença de volta ao Mesmo. Seria árduo encontrar uma ética que incluísse o outro extremo da relação intersubjetiva. Porque, afinal, a ética seria para aqueles que são meus iguais. Na introdução de *Totalidade e Infinito*, Levinas questiona a atividade filosófica: a filosofia não se define “como a tentativa de viver começando na evidência, opondo-se à opinião dos próximos, às ilusões e à fantasia da sua própria subjetividade?”⁴. Ele próprio responde: “A menos que a evidência filosófica não remeta dela mesma para uma situação que já não pode dizer-se em termos de ‘totalidade’”⁵. Esta situação é a exterioridade ou a transcendência do rosto de outrem. Rosto não como a face que enxergo, mas como a apresentação do Outro ele mesmo, em toda sua irreducibilidade ao eu, rosto que ultrapassa a ideia que dele poderia ter o eu. Através da crítica inflexível a história da filosofia, Levinas procura uma maneira de o sujeito acolher a alteridade, de o sujeito ser *além* ou *aquém* do seu ser. O autor procura, portanto, uma ética que não tenha suas bases na ontologia⁶, mas na relação face a face.

Na relação ética é uma possibilidade acolher o comando da alteridade que exige uma resposta, prestar ou não prestar auxílio. De modo que é inevitável questionar em que medida um ser – o eu – envolto e imantado em seu *conatus essendi* pode abrir-se para ouvir, para ver, para acolher? A originalidade do trabalho levinasiano se encontra em pensar um caminho

guarda sua pureza não-violenta antes de sua determinação em conceitos e leis. Isso não é uma objeção: não esqueçamos que Levinas não quer propor leis ou regras morais, não quer determinar uma moral, senão a essência da relação ética em geral. Mas, na medida em que esta determinação não se dá como teoria da Ética, se trata de uma Ética das Éticas. Nesse caso é, talvez, grave, que não possa dar lugar a uma ética determinada, a leis determinadas, sem negar e esquecer a mesma. Por outro lado, esta Ética das Éticas está mais além de toda lei?”. DERRIDA, J. *La Escritura y La Diferencia*, p.149-150.

⁴ LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*, p. 12.

⁵ LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*, p. 12.

⁶ “No pensamento ‘ético’ levinasiano há um distanciamento do significado que a palavra ‘ética’ tem assimilado no contexto da filosofia ocidental como ‘ciência do ethos’ ou como ‘conjunto de normas do agir’ [...] Sua intenção se nucleia em torno da tentativa de encontrar o significado da ética para além da ética ocidental e da ontologia que a fundamenta”. JÚNIOR, N. R. *Sabedoria da paz. Ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*, p. 14.

através do qual é possível ser para o outro. Não é este o caminho, de algum modo, para diminuir a violência, o abuso de poder, a indiferença? Já que se trata de uma via em que o eu não é mais o centro da relação, não é mais o ser que persiste em ser, esta via é, então, uma via da gratuidade, da caridade, do amor pelo outro sem trocas, sem retorno.

O ser que persiste em ser, isso é a natureza. E pode haver uma ruptura com a natureza, sim; mas não se deve atribuir a tal a mesma força que a natureza tem. Há um momento em que a ideia de liberdade prevalece – é um momento de generosidade. Aqui, há um momento em que alguém joga sem ser vitorioso. Isso é Caridade. Para mim, isso é muito importante. Algo que alguém faz gratuitamente, isso é graça. A graça começa aí. É gratuito, um ato gratuito [...]. A ideia do rosto é a ideia do amor gratuito, o comando de um ato gratuito. Amor que comanda. O amor que comanda significa reconhecer o valor do amor nele mesmo.⁷

Não podemos pensar, portanto, que o eu na relação ética seja injustiçado porque não ocupa a proeminência da relação. Toda possibilidade da ética está em acolher a alteridade, antes de escolher acolher ou mesmo antes de acolher, pois o eu é *um-para-o-outro*, atravessado pelo outro, não mais identidade. O eu, em sua unicidade de eleito, torna-se subjetividade. É na responsabilidade que começa o amor, amor que tem valor em si mesmo e não porque deseja algo em retorno.

Os textos nos quais nos concentraremos fundamentalmente são: *Da evasão*, *Da existência ao Existente*, *O tempo e o Outro*, *Totalidade e Infinito: ensaios sobre a exterioridade* e *De outro modo que ser ou para lá da essência* – mas, de modo algum se limita a estas obras. Entendemos que através destas obras se evidencia uma progressão quanto à ideia do rompimento ou de ruptura do eu (ou sujeito) e que seriam obras pontuais à compreensão desta progressão. Desenvolve-se, além disso, no pensamento levinasiano uma noção completamente radical de sujeito ou eu, a qual Levinas designa como *subjetividade*, que antes do conhecimento e do saber, antes da ontologia, é *um-para-o-outro*. Este trabalho procura descrever, portanto, tendo em vista as obras acima citadas, a des-nuclearização do eu ou do sujeito através da relação com a alteridade, tornando-se *um-para-o-outro*.

Ao evidenciar isso nos deparamos, em sua obra *Totalidade e Infinito* (1961), com uma descrição de feminino diversa daquelas abordadas em obras anteriores⁸. Se, em um primeiro momento, o feminino desempenha um papel de *alteridade por excelência* que rompe ou interrompe o eu em sua liberdade, quais problemas são encontrados por Levinas para modificar sua concepção de feminino em *Totalidade e Infinito* – trabalhada aí dentro do contexto de

⁷ WRIGHT, T; HUGHES, P; AINLEY, A. *The paradox of morality*, p. 176.

⁸ São elas, principalmente, *Da evasão* (1936), *Da existência ao existente* (1947) e *O tempo e o Outro* (1947).

erotismo? É mais notável que, após essa obra Levinas não retome a relação erótica, concepção relevante no que tange a sociedade, pois aí se dá a produção do terceiro – como filho. Se nos apressarmos, ele não retoma o feminino como fora trabalhado em *Totalidade e Infinito* ou ele sequer retoma em suas obras filosóficas o feminino? Se fossemos apressados diríamos que o feminino desaparece de sua abordagem filosófica. Devemos considerar que a recepção feminista de *Totalidade e Infinito* criticou severamente a concepção de feminino descrita aí. Levinas tinha conhecimento das críticas a seu trabalho, tanto que afirmou ter sido mal interpretado. Diante deste aparente desaparecimento do feminino, deveríamos entender que Levinas se absteve de uma resposta? Contudo, ele deixa de fato de trabalhar a noção de feminino? E se não, de que maneira Levinas contorna ou responde os problemas sobre o feminino?

Abordaremos a importância da relação erótica para a existência da multiplicidade e da própria sociedade que não é uma abstração de indivíduos sem rostos, mas a existência ontológica de cada um, pois é um momento importante para a transcendência do eu. A noção de maternidade revelaria uma nova formulação da importância do feminino, ainda mais ampla do que se considerada na perspectiva do erotismo? Em que sentido o feminino se relaciona com a saída do sujeito de seu *conatus*? Podemos entender que o eu vai se fragilizando a tal ponto que seu corpo inteiro é para o outro, sensibilidade e passividade, maternidade. Todavia, esta descrição de maternidade parece mais abrangente, pois tange a possibilidade mesma do humano. Neste sentido, o avesso do eu em sua consciência que se identifica como si é um eu ou um sujeito vulnerável, um sujeito com características femininas (mas não limitado a diferença de gênero). Levinas persegue a possibilidade do humano, livro após livro, explorando “pacientemente a via que o conduz a um entendimento cada vez mais exigente *do outro modo que ser*”⁹. Porém, o humano no eu se refere à responsabilidade anárquica por outrem. Portanto, neste trabalho veremos os nós fundamentais para uma compreensão dos problemas que permeiam a ideia de sujeito e sua ruptura, trazendo problemas levantados por alguns de seus interlocutores – principalmente quanto ao feminino–, com vistas a acentuar a radicalidade de certas ideias e seus desdobramentos. Nosso intuito é expor, por último, a importância da responsabilidade na constituição da subjetividade, já que a subjetividade é uma dimensão ancestral da consciência no eu, aberta pelo rosto do Outro no face a face. O eu é responsável pelo outro e o termo *substituição* designa a radicalidade da expulsão do sujeito, de modo que o

⁹ CHALIER, C. *A utopia do humano*, p. 71. Em todo este trabalho, as palavras e/ou frases em itálico em citações são originais de seus autores.

próprio eu é constituído de responsabilidade pelo outro. Compreendemos aqui que a relação ética supera todas as qualidades ontológicas, porque o que é mais central na relação é o outro.

À vista disso, o capítulo *A crítica à ontologia e ao sujeito no pensamento de Emmanuel Levinas* procura expor o surgimento do Eu no contato com o mundo, o surgimento do existente na existência. O sujeito nos primeiros trabalhos de Levinas é descrito como um eu que permanece fechado sobre si, preocupado constantemente em ser e manter-se em seu ser. Apesar do esforço de ter de trabalhar e assegurar sua vida, ele vive feliz em seu mundo. No contato com o mundo o eu se identifica como si mesmo, de maneira que não haveria uma maneira de o eu transcender-se, sair do retorno incessante a si mesmo. É necessária uma maneira de interromper a clausura eterna do sujeito, o que só é possível mediante a alteridade. Nas primeiras obras de Levinas, a relação com outro se dá na relação erótica, em que a assimetria estaria na heterogeneidade sexual e o feminino seria a diferença por excelência. Contudo, em sua obra *Totalidade e Infinito*, a relação com o outro é tida como relação com a alteridade que se *expressa* em seu rosto, relação ética que romperia o aprisionamento do eu.

Como a relação entre o eu e a alteridade feminina nos primeiros trabalhos (*Da existência ao existente* e *O tempo e o Outro*) é diferente do feminino trabalhado em *Totalidade e Infinito*, a segunda parte deste trabalho, *O amor erótico e a Fecundidade: a abertura ao terceiro*, abordará a ideia de relação erótica desenvolvida neste último trabalho, para compreender qual a relevância do feminino na obra levinasiana que, ao menos em *Totalidade e Infinito*, parece se referir à dimensão de fecundidade. O amor erótico faz o eu ir em direção de um futuro que ele será, isto é, o eu (o sujeito) *transcende na fecundidade*. O erotismo oscila entre o além do desejo – de outro – e o aquém da necessidade, mas também se situa muito além do prazer e do poder, “porque a subjetividade amorosa é a própria transsubstanciação e porque essa relação sem paralelo entre duas substâncias – onde se mostra um para além das substâncias – se funda na paternidade”¹⁰. Este relacionamento resulta no futuro que é o filho, do qual o sujeito, contudo, se liberta. No filho (o terceiro) torna-se possível para os amantes saírem do enclausuramento da relação erótica, que não é ainda relação ética como Levinas descreve.

Na relação com o outro é possível, enfim, a ruptura da essência *do sujeito* e a abertura à relação na qual ele não domina o Outro, mas deixa o outro ser – o que Levinas sempre tem em mente ao procurar romper a reclusão do eu é a relação ética. A terceira parte deste trabalho, *Sensibilidade e substituição: o fundamento da justiça*, abordará a radicalização do sujeito que é, antes mesmo da consciência de si, perpassado por sua responsabilidade pelo outro.

¹⁰ LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*, p. 270.

Analisaremos como surge esta subjetividade eleita, preenchida de responsabilidade pelo outro, preenchida ou, antes, subjetividade que se torna subjetividade porque o espaço do eu se abre pelo trauma da presença do outro. Trata-se de um acontecimento anterior a entificação do ser. O eu, nessa descrição, é passividade. Nas palavras do autor, “A subjetividade da sensibilidade, como incarnação, é um abandono sem regresso, a maternidade, corpo que sofre para o outro, corpo como passividade e renúncia, puro padecer”¹¹. A passividade do eu responde ao chamado e é substituído pelo outro.

Para Levinas, a essência da consciência humana e resume a seguinte frase: “todos os homens são responsáveis uns pelos outros, ‘e eu mais que todo mundo’”¹², o que demonstra a assimetria da relação entre o mesmo e o outro. Percebe-se isso, pois a justiça se torna necessária quando surge na relação um terceiro termo, haja vista que antes disso o sujeito é diretamente responsável pelo Outro. Porém, a partir do instante que um terceiro surge não é possível ser (de maneira justa, igualmente) responsável pelo outro. O terceiro é todo aquele com que nos deparamos no dia a dia, ele é o próximo. Na relação, a justiça ao terceiro é possível ao introduzir “comparação, reflexão, pensamento teoria”, porém, “é mister erigir instituições que salvaguardem medidas de equidade e que conduzam à igualdade”¹³. A partir do momento que a justiça precisa existir, torna-se necessário o Estado e o direito. Porém, já no face a face todos os outros *me* olham.

¹¹ LEVINAS, E. *De outro modo que ser ou para lá da essência*, p. 97.

¹² LEVINAS, E. *Entre nós: Ensaio sobre a alteridade*, p. 148. Esta frase é uma fala de *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievski, muitas vezes referida pelo autor.

¹³ PIVATTO, P.S. *Responsabilidade e justiça em Levinas*, p. 226.